

O BOM SINAL DO CITICORP

O banco passou para 30 dias a rolagem das linhas de crédito de curto prazo (antes eram só 15 dias). É uma indicação de que as negociações vão bem.

Os credores do Brasil continuam querendo alcançar até amanhã um acordo de princípio sobre o pagamento dos juros da dívida a partir de janeiro, mas os bancos europeus e alguns pequenos bancos americanos estão resistindo.

A informação é de uma fonte envolvida nas negociações, contrastando com sinais de otimismo e alívio que eram observados bem próximos dos negociadores americanos e brasileiros.

Um novo sinal de que as relações entre o Brasil e os bancos entraram numa nova fase: o Citibank passou a rolar as operações interbancárias em 30 dias, e não mais em 15. E assim, agora, o prazo mínimo em que as linhas de curto prazo estão sendo renovadas passou a ser um mês, quando já estiveram, durante a moratória, até no **overnight**. "O Citibank ampliou o prazo sem dizer nada. Isto foi muito interessante", confirmou um gerente de uma das 15 agências de bancos brasileiros em Nova York. "Isto deve fazer parte do pacote em que, pelo visto, entrou também a informática..."

O contencioso da informática entre Estados Unidos e o Brasil é outro indício de que as negociações têm chance de superar o impasse em que estavam — o da retomada do pagamento dos juros normalmente, a partir de janeiro: as retaliações comerciais foram momentaneamente adiadas, podendo, no entanto, ser impostas nesta próxima sexta-feira, coincidindo com o prazo para uma solução para a dívida.

A fórmula que estaria sustentando todo o novo prudente otimismo, observado tanto em áreas do governo americano como na indústria bancária em geral, não foi ainda revelada. Os negociadores brasileiros recusam-se a entrar em detalhes. E o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, não está atendendo aos telefonemas que alguns correspondentes lhe fazem, entre eles os do JT.

Capitalizar juros

"Discute-se muito uma fórmula pela qual o Brasil pagaria 1/3 dos juros que deve, enquanto os bancos entrariam com outros 2/3, desde que um acordo seja finalizado", comentou um banqueiro ontem em Nova York. "É esta a idéia que está fermentando", garantiu.

A fórmula conteria uma variante: os bancos poderiam capitalizar os juros, transformando-os em principal. "Isto estaria sendo estudado como uma alternativa ao depósito (dos 2/3 dos juros, pelos bancos, desembolsáveis só em caso de assinatura final do acordo, distante alguns meses do acordo de princípio). Aí, simplesmente, bancos os capitalizariam os juros, contando juros em cima de juros."

O problema com a capitalização de juros é que "a boa técnica bancária não a recomenda, na maioria dos países, inclusive no Brasil". Talvez por isso, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, esteja em contato permanente com o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos e com o FED, o Banco Central norte-americano.

A informação de que o governo americano é que entraria com os 2/3 que o Brasil agora não pode pagar, publicada no Brasil, foi descartada por diversas fontes, ontem, em Washington e em Nova York. O governo americano estaria dando seu apoio só à fórmula que pode romper o impasse em que se encontravam as negociações, evitando perturbá-las com a divulgação da lista de produtos que foram selecionados para a imposição de uma sobretaxa punitiva, em represália à política brasileira de informática. "É difícil imaginar que entremos com algum dinheiro", disse um funcionário do governo, embora lembrasse a existência de um precedente, aberto com a Argentina. "Duvido que isto aconteça", concluiu.

O prazo do dia 29 fixado pelo acordo provisório do final do ano, e que chegou a ser dramatizado por funcionários do governo americano, já não se aproxima mais como inadiável. O próprio presidente do Banco Central, Fernando Milliet, já avisou que até lá não fará nenhum pagamento. Ele está prevendo ter de retornar ao Brasil na semana que vem. E concorda com os otimistas, confirmando a existência de progressos em muitas direções, mas não descarta os pessimistas, achando que qualquer indiscrição poderá causar "um redesenho nos acertos" já feitos.

Moisés Rabinovici, de Washington